

## Comunicação em defesa dos territórios: reflexões a partir de uma rede de rádios na Amazônia

*Communication in defense of territories: reflections from a radio network in the Amazon*

*Comunicación en defensa de territorios: reflexiones desde una red de radio en la Amazonía*

Rosa Luciana RODRIGUES<sup>1</sup>  
Rosane STEINBRENNER<sup>2</sup>

### RESUMO

O artigo analisa o noticiário da Rede de Notícias da Amazônia (RNA), um jornal radiofônico em rede alternativa de comunicação, formada por 20 emissoras de rádio em sete estados da região amazônica. Verifica a recorrência dos assuntos ligados aos territórios amazônicos e seus povos, assim como as fontes que são privilegiadas e tem a seguinte questão-problema: a atuação da Rede de Notícias da Amazônia (RNA) desempenha algum papel de resistência na defesa de territórios amazônicos? As reflexões passam pelas abordagens da economia política (Svampa, 2016 e 2019) e pelos apontamentos de uma comunicação decolonial (Villanueva, 2016 e 2019). A partir da análise, pôde-se constatar a existência de movimentos e fazeres jornalísticos que se aproximam de uma perspectiva descolonizadora da comunicação e, portanto, na defesa dos territórios e das populações que lá vivem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Rádio; RNA-Rede de Notícias da Amazônia; Territórios amazônicos.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Pará (PPGCOM/UFPA). Jornalista da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), rosalu29@gmail.com, Orcid: 0000-0001-6682-2240.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Socioambientais (NAEA/UFPA). Pós-Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA-UFPA). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM-UFPA), steinbrenner@ufpa.br. Orcid: 0000-0003-4321-7245.



---

## ABSTRACT

The article analyses the news of the Amazon News Network (RNA), a radio newspaper in an alternative communication network made up of 20 radio stations in seven states in the Amazon region. It verifies the recurrence of issues linked to Amazonian territories and their peoples, as well as the sources that are privileged and has the following problem question: does the work of the Amazon News Network (RNA) play a role of resistance in the defence of Amazonian territories? The reflections are based on political economy approaches (Svampa, 2016 and 2019) and decolonial communication (Villanueva, 2016 and 2019). Based on the analysis, it was possible to see the existence of journalistic movements and activities that come close to a decolonising perspective of communication and, therefore, in defence of the territories and populations that live there.

**KEYWORDS:** Communication; Radio; RNA-Amazon News Network; Amazonian territories.

## RESUMEN

El artículo analiza las noticias de la Red Amazónica de Noticias (RNA), periódico radial de una red de comunicación alternativa formada por 20 emisoras de radio en siete estados de la región amazónica. Se verifica la recurrencia de temas vinculados a los territorios amazónicos y sus pueblos, así como las fuentes que se privilegian y se plantea la siguiente pregunta problema: ¿el trabajo de la Red Amazónica de Noticias (RNA) desempeña un papel de resistencia en la defensa de los territorios amazónicos? Las reflexiones se basan en enfoques de economía política (Svampa, 2016 y 2019) y comunicación decolonial (Villanueva, 2016 y 2019). A partir del análisis, se pudo constatar la existencia de movimientos y actividades periodísticas que se aproximan a una perspectiva descolonizadora de la comunicación y, por lo tanto, en defensa de los territorios y poblaciones que los habitan.

**PALABRAS CLAVE:** Comunicación; Radio; RNA-Red de Noticias de Amazon; Territorios amazónicos.

---

## Introdução

Diante das situações de conflitos socioambientais e disputas territoriais na Amazônia, faz-se necessário refletir sobre o papel da comunicação nos cenários de embates, tanto discursivos e simbólicos quanto de violência física. Parte-se da ideia de que há a necessidade de práticas e movimentos, no âmbito dos estudos decoloniais, que conduzam o pensamento comunicacional a processos de descolonização.

Como explicam Torrico Villanueva, Verônica Lima e Hugo Hernández (2023, p. 19),

[...] a abordagem decolonizadora sustenta uma concepção de comunicação aberta às insurgências e comprometida com a construção de um horizonte libertador, no qual a pluralidade de vozes,



atores e ideias transborda as consequências e atualizações da matriz colonial na comunicação, caracterizada até hoje pelo silenciamento, subalternização, desumanização e dicotomias simplificadoras.

Ou seja, dialogando com Ijuim (2012), tem-se, em perspectiva, uma comunicação (ou um jornalismo) capaz de esvaziar-se de preconceitos nos modos de captar, ver, ouvir e questionar. Ainda, que substitua a naturalização de assimetrias ou o descaso à diversidade pela curiosidade e rigor na promoção de lugares de escuta sensíveis a vozes plurais, num esforço permanente em nome de uma compreensão pública das realidades diversas em cenários desiguais e em permanente disputa.

Nesse sentido, como parte de uma pesquisa de doutorado, o artigo apresenta uma reflexão sobre a atuação de uma rede de rádios constituída na Amazônia há 15 anos que se propõe a ser referência em assuntos amazônicos a partir da produção de informações da região por profissionais locais, tendo como objetivo a defesa dos valores culturais dos povos da Amazônia. Diante desse contexto, neste artigo, apresenta-se a seguinte questão-problema: a atuação da Rede de Notícias da Amazônia (RNA) desempenha algum papel de resistência na defesa de territórios amazônicos?

A RNA<sup>3</sup> é uma associação constituída de 20 rádios de sete estados brasileiros da Amazônia Legal (Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Pará, Rondônia e Roraima)<sup>4</sup>. Todas as emissoras são ligadas à igreja católica, algumas delas tendo sido criadas na década de 60 para desenvolver o projeto do Movimento de Educação de Base (MEB) que promovia a alfabetização de jovens e adultos com base no método Paulo Freire. A RNA foi idealizada e criada por um padre, estudioso e militante da comunicação e educação popular na região de Santarém.

O artigo apresenta uma análise de conteúdo a partir da seleção de 50 edições de um dos programas veiculados no ano de 2022 – Jornal Amazônia é Notícia (JAN), noticiário que vai ao ar de segunda a sexta-feira. Os programas foram selecionados a partir dos registros de três temáticas muito presentes nas situações de conflitos socioambientais: desmatamento, violência com mortes e ameaças aos povos tradicionais. Neste trabalho, essas categorias foram usadas somente para a seleção dos programas.

---

<sup>3</sup> Site: <https://redenoticiasamazonia.com.br/o-que-e-a-rna/> .

<sup>4</sup> Outras informações sobre a RNA podem ser encontradas no artigo Rede de Notícias da Amazônia (RNA): 15 anos de comunicação em rede na Amazônia brasileira (Rodrigues, Costa e Steinbrenner, 2022).



Depois da audição dos programas, levantou-se quantitativamente as temáticas dos radiojornais e as fontes que aparecem nas produções informativas, assim como nos editoriais. A análise também se baseia em entrevistas feitas com o padre idealizador da RNA e com a gestora da rede que acumula atividades de produção de conteúdo.

Neste artigo, objetiva-se apontar alguns caminhos de reflexão sobre a produção jornalística da RNA, dialogando com os dados que surgem do levantamento dos programas selecionados, com as falas dos administradores da rede e com as emergências na perspectiva da defesa dos territórios na Amazônia diante dos diversos conflitos socioambientais que se evidenciam na região, tomando como referência teórica discussões no âmbito dos estudos decoloniais.

### **Os desafios na Amazônia e a importância da comunicação**

A Amazônia brasileira é envolvida por uma diversidade de conflitos socioambientais e os acontecimentos e dados dos últimos anos, principalmente entre 2019 e 2022, mostraram um agravamento dos conflitos na Amazônia Legal, com recordes nos índices de desmatamento; registros frequentes de violência com mortes; e ameaças aos territórios dos povos originários (Cimi, 2021; Isa, 2021; Mapbiomas, 2021a, 2021b e 2022), gerados pelo olhar exploratório para a Amazônia, vista historicamente como um gigantesco espaço sem dono, no qual os bens da natureza são entendidos como recursos que precisam ser consumidos.

Assim, surgem os embates entre os diversos atores envolvidos nesses cenários que apresentam divergências sobre o entendimento dos valores e interesses sobre o tema, resultando nos conflitos socioambientais, em contextos de assimetria de poder (Svampa, 2016). São diversos os registros de situações conflituosas que apontam a exploração desenfreada da natureza e as consequências danosas para a vida das pessoas que habitam os espaços amazônicos.

O boletim da organização de direitos humanos Terra de Direitos<sup>5</sup> nomeia seu boletim informativo como “Amazônia: Territórios de lutas e resistências”, apontando que a Amazônia é um território de disputas e ameaças e que “os povos e comunidades tradicionais, indígenas e quilombolas estão diante de lutas históricas de resgate e

---

<sup>5</sup> A Terra de Direitos é uma organização de Direitos Humanos que atua na defesa, na promoção e na efetivação de direitos, especialmente os econômicos, sociais, culturais e ambientais (Dhesca) – disponível em <https://terradedireitos.org.br/quem-somos/sobre> . Acesso em: 15 de ago. 2023.



manutenção de seus modos de vida” (Terra de direitos, 2022, p. 3). Os movimentos de lutas em defesa das comunidades resultam em diversos conflitos “ameaçando os territórios e as lideranças políticas de movimentos” (Ramos, 2023, s/p), principalmente populações tradicionais que são historicamente ameaçadas, com destaque para a Amazônia.

O Relatório Anual de Desmatamento (RAD) do MapBiomas, referente ao ano de 2022, aponta que naquele ano a área desmatada no Brasil cresceu 22,3% em relação ao ano anterior, correspondendo a 20.572Km<sup>2</sup>. Desse total desmatado em 2022, 58% foi no bioma Amazônia (Mapbiomas, 2023).

Levantamento do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia, também em 2022, indica que a Amazônia sofreu o maior desmatamento em 15 anos. Chegou a perder, diariamente, área aproximada a três mil campos de futebol, entre janeiro e dezembro (Imazon, 2023a). Segundo o Imazon, os territórios na Amazônia que mais desmataram nos últimos anos são os que apresentam as mais baixas notas no Índice de Progresso Social (IPS), relacionado aos indicadores de qualidade de vida – saúde, educação, segurança e moradia. Enquanto o Brasil teve um IPS de 67,94, na Amazônia a nota foi de 54,32. Os piores estados em relação às notas do IPS são: Pará - 52,68, Acre - 52,99 - e Roraima - 53,19- (Imazon, 2023b). A partir desses dados, pode-se inferir que as lutas na defesa ambiental estão diretamente ligadas à defesa da vida das populações que vivem nesses territórios.

Um exemplo claro disso é o ocorrido com o povo Yanomami, no estado de Roraima, amplamente divulgado nos meios de comunicação<sup>6</sup> sobre a degradação ambiental na Terra Indígena por conta do garimpo ilegal que levou os Yanomamis a uma situação de “tragédia humanitária” com fome, graves problemas de saúde e mortalidade.

Diante dessas realidades, observa-se a comunicação como elemento necessário no campo de enfrentamento das situações desses conflitos socioambientais nos cenários amazônicos. A comunicação no espaço latino-americano, tanto nas práticas comunicativas quanto nas pesquisas acadêmicas, tem apresentado características

---

<sup>6</sup> Dá-se destaque à divulgação feita pelo programa Fantástico, da Rede Globo, que dedicou cerca de 20 minutos da programação em uma reportagem especial. Disponível aqui: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/01/29/malaria-pneumonia-desnutricao-contaminacao-por-mercurio-fantastico-mostra-a-tragedia-humanitaria-na-terra-indigena-yanomami.ghtml>. Acesso em: 8 ago. 2023.



singulares no acompanhamento dos fenômenos sociais. Para Torrico Villanueva (2016), é uma nova ideia de comunicação que tem como base o ser humano nas suas experiências existenciais e nos seus espaços de socialização. A perspectiva comunicacional não está pautada nos modelos externos, mas nas próprias realidades experienciadas na região, em abordagens questionadoras. Parte-se de uma comunicação reflexiva e propositiva: “Um novo marco nesse discurso reflexivo e propositivo, quando começa a se fazer visível e audível a discussão a respeito do transbordamento dos limites que a Modernidade impôs também no âmbito comunicacional” (Villanueva, 2016, p. 25, tradução nossa).

Villanueva (2019) também propõe um deslocamento da comunicação para uma posição ex-cêntrica, ou seja, fora do campo do que está “centrado” nos modelos hegemônicos: “a Comunicação ex-cêntrica, que deriva da crítica latino-americana à incomunicação colonial, se coloca como uma rota compreensiva alternativa, baseada no pensamento decolonial” (Villanueva, 2019, p. 103). As ideias em torno do pensamento comunicacional, em sintonia com as características socioculturais da região, são permeadas pelas necessidades e aspirações das populações locais. Villanueva (2016, p. 29, tradução nossa) lembra que reflexões latino-americanas comungam com um pensamento social crítico e que, a partir de pensadores como Antonio Pasquali, Paulo Freire e Luis Ramiro Beltrán se inaugurou uma concepção de comunicação como diálogo, “chave para o mundo histórico e cultural, assim como para a ação reflexiva e dialógica”.

A comunicação é entendida como um meio para se desenvolver o processo de emancipação da região partindo de questionamentos sobre a instrumentação e a não contextualização histórica do conhecimento, buscando um pensamento comunicacional próprio “socialmente comprometido, mas teórica e metodologicamente rigoroso, capaz de dar conta da realidade concreta da América Latina e colocar-se a serviço da causa de sua dignidade” (Villanueva, 2016, p. 31, tradução nossa).

A comunicação se torna importante no processo de questionamento das colonialidades, processo que “passa, portanto, por mudar os lugares de enunciação e ampliar o alcance de determinadas vozes subalternizadas historicamente, em todos os âmbitos” (Oliveira, 2021, p. 233). Também é necessária a “democratização da mídia e desmercantilização da informação, combatendo o monopólio midiático” (Oliveira, 2021, p. 235).



As reflexões sobre a comunicação na América Latina também passam pelos princípios da educação libertadora de Freire no “ser sujeito” e na “atitude crítica”, considerando que são pontos fundamentais nos contextos dos movimentos sociais que foram criados e existem tendo como horizontes as mudanças sociais. O processo começa na educação a partir da formação de sujeitos, como as experiências desenvolvidas em formação de lideranças populares, levando a práticas de comunicação a partir de espaços próprios das comunidades envolvidas (Peruzzo, 2017).

Observando os conflitos socioambientais nos espaços amazônicos, entende-se que estes passam a configurar disputas sobre os sentidos de desenvolvimento (Castro, 2019), estabelecendo reivindicações de “outras formas de democracia, ligadas à democracia participativa e direta” (Svampa, 2019, p. 46). Também se ligam à disputa de territórios e de territorialidade a partir de narrativas diversas presentes tanto entre movimentos socioambientais, quanto em corporações que podem apresentar interesses divergentes. “A noção de território se converteu em uma espécie de *conceito social total*, a partir do qual é possível visualizar o posicionamento dos diferentes atores em conflito e, a partir desse posicionamento, analisar as dinâmicas sociais e políticas” (Svampa, 2019, p. 55).

É importante destacar que, nas experiências latino-americanas, as “lutas socioambientais” apresentam sempre “uma linguagem comum de valorização sobre a territorialidade, que dá conta cada vez mais da confluência inovadora entre matriz indígena-comunitária e o discurso ambientalista” (Svampa, 2016, p. 147). Nesse contexto surge o conceito de giro ecoterritorial, assim definido por Svampa (idem): “modo como são pensadas e representadas, sob a perspectiva das resistências coletivas, as atuais lutas socioambientais centradas na defesa da terra e do território”.

Esse giro ecoterritorial se consolida em uma linguagem que destaca a valorização da territorialidade que, em muitos casos, é traduzida a partir de ações coletivas em perspectivas contestatórias.

Os diferentes temas do *giro ecoterritorial* dão conta da nova gramática das lutas, da gestação de uma linguagem alternativa de forte ressonância no interior do espaço latino-americano, de um marco comum de significações, que aponta para a expansão das fronteiras do Direito, em clara oposição ao modelo dominante. Seja em uma linguagem de defesa do território e dos bens comuns, dos Direitos Humanos, dos Direitos da Natureza ou do Bem Viver, a demanda aponta para uma democratização das decisões; mais ainda, para o direito dos povos de dizer “não” aos projetos que afetam fortemente as



condições de vida dos setores mais vulneráveis e que comprometem o futuro das novas gerações (Svampa, 2016, 156).

Sob a ótica da comunicação, considerando que “a apropriação do território nunca é apenas material, é também simbólica” (Santos *apud* Svampa, 2019, p. 55), entende-se que é nesse campo que ocorrem as construções narrativas que podem corroborar a exploração ou que podem se tornar experiências de enfrentamento por parte dos sujeitos ameaçados, diante dos conflitos socioambientais.

E é nessa perspectiva que se analisa a prática de comunicação da Rede de Notícias da Amazônia, neste artigo, apontando algumas reflexões sobre suas ações como exercícios em relação à defesa dos territórios amazônicos.

### **Uma rede de rádios e a proposta de defesa dos territórios na Amazônia**

A Rede de Notícias da Amazônia (RNA) está presente em sete dos nove estados brasileiros da Amazônia Legal, constituída a partir da articulação de emissoras de rádio na região e que desenvolve uma prática de atuação a partir de pautas sociais. Criada em julho de 2007 e inaugurada, oficialmente, em maio de 2008, a RNA, de acordo com o seu estatuto social, “é uma entidade civil de direito privado, sem fins lucrativos, de duração indeterminada [...] associativa de pessoas físicas e jurídicas para a formação humana através dos meios de comunicações [...]” (RNA, 2015, p. 1).

Sua sede fica localizada em Santarém, município paraense. Nos seus objetivos, além de destacar a constituição de uma rede de informações na Amazônia Legal e a promoção de processos formativos através de programas de rádio, também se destaca o propósito de “estimular e defender os valores culturais dos povos da Amazônia” (RNA, 2015, p. 1). De acordo com Rodrigues, Steinbrenner e Costa (2023, p. 2),

[...] propõe-se a visibilizar as ações dos agentes das lutas sociais desenvolvidas na região, como lideranças populares, de organizações não-governamentais e o próprio povo amazônida. Também faz referência à promoção de uma comunicação a partir do lugar amazônico, das realidades dos municípios em seus aspectos urbanos e rurais e, ainda, enfatiza as questões ambientais que estão diretamente relacionadas aos fatores sociais, econômicos, políticos e culturais da região.

Entre as 20 rádios, há emissoras comerciais, educativas e uma comunitária. As rádios estão ligadas à igreja católica, considerando que o idealizador e fundador da rede é um padre católico, Edilberto Sena. “Acreditava, ele, que estas emissoras estavam





isoladas e fazendo seu trabalho em seus cantinhos, uma sem saber o que ocorria nas áreas das outras. Várias delas, coirmãs do tempo do Movimento de Educação de Base – MEB” (Santos, 2020, p.11).

Padre Edilberto Sena, que, atualmente, também ocupa a posição de presidente da RNA, encara a informação como um elemento essencial para os amazônidas como “estratégia de defesa” diante dos conflitos socioambientais que, segundo ele, são processos de disputa dos territórios na Amazônia:

Primeiro, a Amazônia é um território em disputa, disputa entre o capital e os que querem viver. Segundo, do lado do capital tem o poder do dinheiro, o poder do estado a serviço do capital. Então, quem tem que salvar a Amazônia tem que ser quem vive na Amazônia. Mas, como que vai salvar a Amazônia? Daí eu falo três princípios: primeiro – informação gera conhecimento; conhecimento gera comprometimento e comprometimento motiva a criar um plano de ação estratégica (Sena, 2022, s/p).

Em entrevista para a pesquisa, a gestora da RNA que também atua com produção de programas, disse que o papel da Rede no ambiente amazônico é o da defesa dos territórios com a produção de informações a partir dos conflitos vivenciados na região:

Acho que o nosso papel hoje é no sentido de contribuir com essa defesa dos locais que são considerados sagrados para as pessoas que moram aqui na região amazônica, tanto que, por exemplo, a gente tem pautado muito a questão de ameaças de lideranças, a própria grilagem de terras tem sido forte dentro do território amazônico, desmatamento, ameaças a territórios constituídos (Gestora da RNA, 2023, s/p).

Na abordagem da gestora, a RNA tem assumido esse papel se apresentando, principalmente, para as lideranças populares como “um espaço ou como uma amplificadora das vozes dessas pessoas que precisam ser ouvidas”. Nesse sentido, a gestora destaca que no âmbito das fontes para a produção das informações, privilegia-se os “lutadores sociais” às autoridades constituídas: “quando a gente fala nos lutadores sociais, são lideranças, são as pessoas que estão dentro dos territórios, aqueles que acabam fazendo muito mais coisas que, propriamente, o secretário, prefeito ou vereador” (Gestora da RNA, 2023, s/p).

Diante dessas afirmativas dos administradores da RNA que apontam perspectivas de processos comunicacionais com foco nas populações da região, e nas suas lutas territoriais, parte-se para a análise dos conteúdos presentes nas produções jornalísticas divulgadas pela rede de rádios.



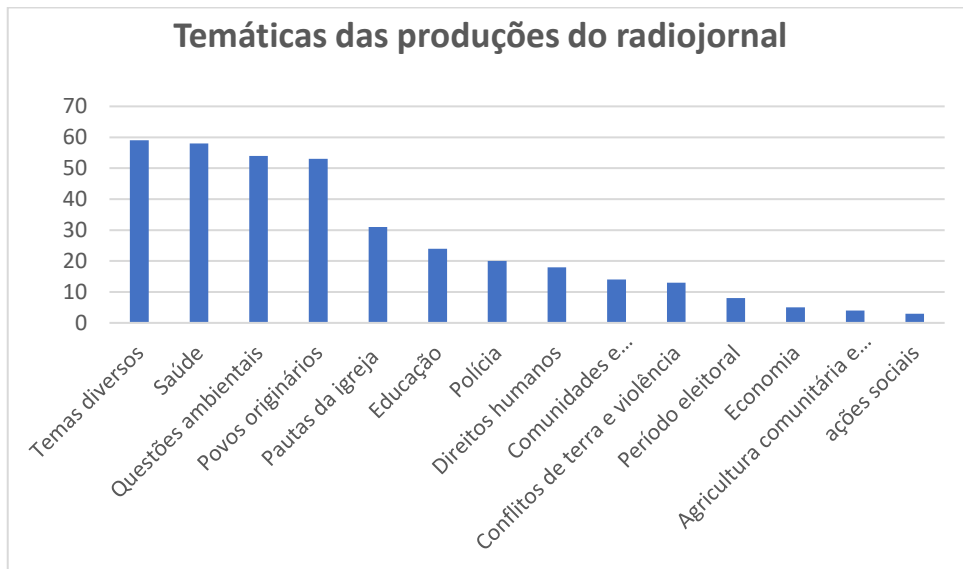
## Dados extraídos dos programas selecionados

Para identificar a existência ou não de elementos que indiquem a defesa dos territórios amazônicos como direcionamento na atuação da Rede de Notícias da Amazônia, fez-se um exercício analítico a partir do conteúdo do radiojornal da RNA. Foram selecionados 50 programas levados ao ar no ano de 2022, tomando como critério produções que abordassem, de alguma forma, três dos conflitos socioambientais mais recorrentes na região: desmatamento, ameaças aos povos originários e violência com mortes, apontados em relatórios de instituições que fazem esses registros. A partir da audição dos radiojornais, buscou-se observar todas as temáticas abordadas nas produções (notas, reportagens e editoriais) e também quais foram as fontes que apareceram nessas produções.

Primeiramente, quanto aos temas evidenciados nas reportagens e notas, quatro categorias se destacaram: notícias sobre povos originários (53), questões ambientais (54), saúde (58) e assuntos diversos (59), principalmente, quanto à realização de eventos. Ainda aparecem pautas da igreja (31), educação (24), polícia (20), direitos humanos (18), comunidades e conhecimentos tradicionais (14), conflitos de terras e violência (13), período eleitoral (8), economia (5), agricultura comunitária e familiar (4), ações sociais (3), totalizando um quantitativo de 364 produções jornalísticas do gênero informativo.

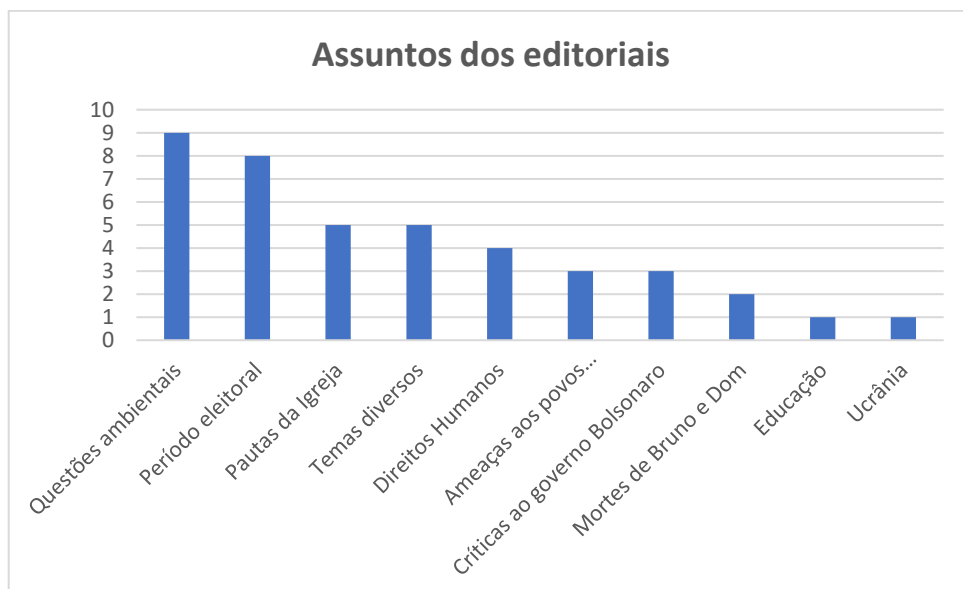
Quanto aos editoriais, foram 41 produções destacando os seguintes assuntos: questões ambientais (9), período eleitoral (8), pautas da igreja (5), temas diversos (5), direitos humanos (4), ameaças aos povos originários (3), críticas ao governo Bolsonaro (3), mortes de Bruno e Dom (2), educação (1), guerra na Ucrânia (1).

Para ajudar na visualização, construiu-se gráficos a partir dos quantitativos das produções:

**Gráfico 01:** Temáticas das produções do radiojornal

**Fonte:** produzido pelas autoras

Faz-se uma observação sobre o número de produções de saúde. No início de 2022, houve um grande registro da temática fazendo referência à pandemia da Covid-19, com informações sobre aumento ou redução de casos até os retornos gradativos de atividades presenciais.

**Gráfico 02:** Assuntos dos editoriais

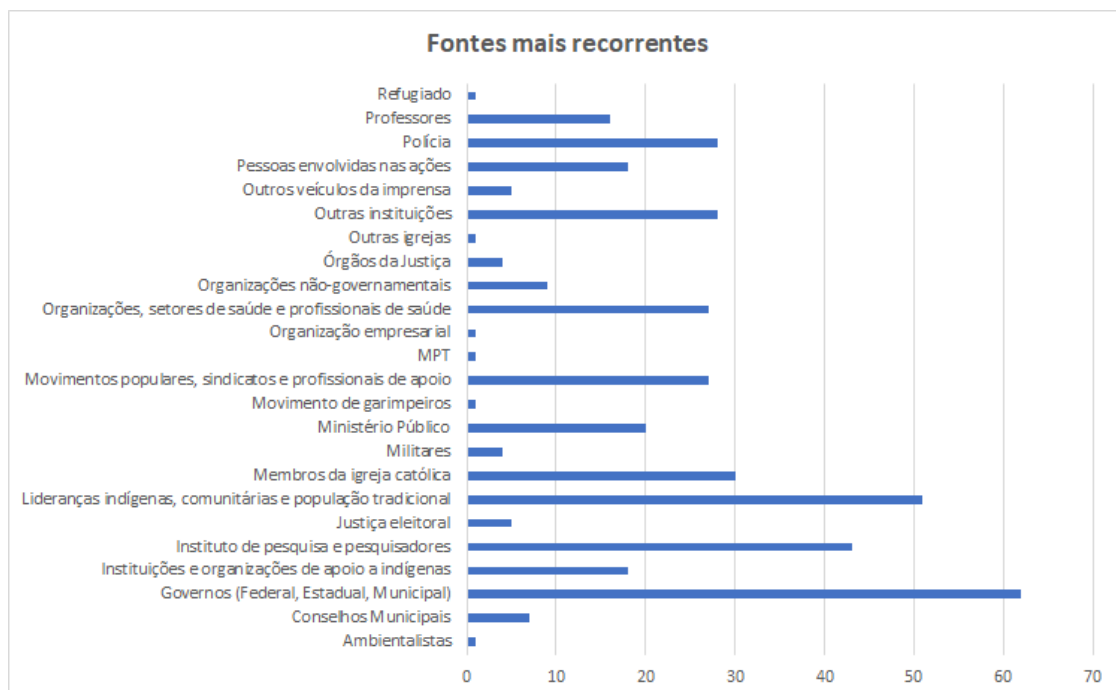
**Fonte:** produzido pelas autoras

Relacionado às fontes das informações, observou-se que entre as mais recorrentes estão: setores governamentais nas esferas federal, estadual e municipal,



com 62 recorrências; seguidos por lideranças indígenas, lideranças comunitárias e população tradicional (51); institutos de pesquisas e pesquisadores (43); membros da igreja católica (30); polícia (28); outras instituições (28); movimentos populares, sindicatos e profissionais que apoiam essas organizações (27); organizações e setores de saúde e profissionais de saúde (27); Ministério Público (20); instituições e organizações de apoio às causas indígenas (18); pessoas envolvidas por ações (18); professores (16); organizações não-governamentais (9); conselhos municipais (7); Justiça Eleitoral (5); outros veículos da imprensa (5); militares (4); órgãos da justiça (4); ambientalistas (1); movimento de garimpeiros (1); Ministério Público do Trabalho (1); Organização empresarial (1); outras igrejas (1) e refugiado (1).

**Gráfico 03:** Fontes mais recorrentes



**Fonte:** produzido pelas autoras

Com relação às produções opinativas, a maioria dos editoriais foi apresentada por padres (29). Na sequência aparece um ambientalista (5), um procurador do Ministério Público Federal (5) e um professor universitário (2). Os padres são diretores de emissoras sócias e o presidente da RNA, que não está ligado a nenhuma emissora. Os demais editorialistas são considerados parceiros da Rede de Notícias.



## Observações a partir dos dados

Diante dos dados coletados, faz-se algumas inferências relacionadas à atuação da Rede de Notícias da Amazônia, considerando a produção do radiojornal Amazônia é Notícia.

Um primeiro aspecto que se destaca é o quantitativo de produções, tanto informativas quanto opinativas, relacionadas às questões ambientais, aos povos originários e às demais comunidades tradicionais que, somadas, abrangem quase um terço do material veiculado no jornal. Destaca-se que, em geral, essas temáticas estão relacionadas. Somando-se a esse grupo as informações sobre conflitos de terra e violência e sobre agricultura comunitária e familiar, e os editoriais sobre as mortes do indigenista e do jornalista assassinados no Amazonas<sup>7</sup>, o percentual de notícias voltadas a questões territoriais na Amazônia chega a 36%.

Essas são temáticas diretamente ligadas aos conflitos socioambientais na Amazônia que giram em torno da territorialidade imersa nos embates entre os que valorizam os territórios e os que consideram a região como espaço de exploração das riquezas (Svampa, 2016).

Verifica-se o foco dado às questões territoriais na Amazônia com informações coletadas a partir dos espaços locais, considerando a proposta da Rede em promover uma comunicação de defesa dos territórios. Observa-se a recorrência de fontes como lideranças indígenas e de comunidades tradicionais (51), representantes de movimentos populares e profissionais de apoio (27) e as instituições e organizações de apoio a indígenas (18), tendo estes atores se sobressaindo nos noticiários. Mesmo sem estar no mérito deste trabalho os discursos apresentados por estes atores, a própria presença deles sinaliza o que Villanueva (2016) indica como uma nova ideia de comunicação a partir das realidades vividas nos territórios, inclusive, a partir de posições questionadoras.

Há uma preocupação em evidenciar as vozes das populações, destacando a perspectivas dos amazônidas em “ser sujeitos”, como indicam os princípios libertadores em Freire, e indicativos de processos de descolonização da comunicação

---

<sup>7</sup> As mortes do indigenista brasileiro Bruno Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips ocorreram no dia 5 de junho daquele ano, no Vale do Javari, no estado do Amazonas. A região é considerada a segunda maior terra indígena no Brasil e vem sendo espaço de diversos conflitos socioambientais. Outras informações podem ser encontradas nestes links: <https://amazoniareal.com.br/bruno-pereira-e-dom-phillips/> ; <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/traficante-colombia-foi-o-mandante-das-mortes-de-dom-e-bruno-diz-pf/> . Acesso em: 01 set.2023.



com a ampliação de “vozes subalternizadas historicamente” (Oliveira, 2021), reforçando um pensamento social crítico (Villanueva, 2016) diante das realidades.

Porém, mesmo o idealizador afirmando a necessidade de uma “comunicação a partir do tradicional morador da Amazônia” e da proposta da rede de evidenciar as falas dos “lutadores sociais” (Gestora da RNA, 2023), salta aos olhos a expressiva recorrência a órgãos governamentais nas três esferas - Federal, Estadual e Municipal (62), além de significativa participação de fontes da polícia o que indica a forte presença dos “discursos oficiais”, revestidos pelos cargos constituídos, o que é muito comum nos discursos midiáticos tradicionais.

Outro grupo de fonte que chama a atenção pela significativa incidência é o de membros da Igreja Católica (30), o que não gera estranheza pelo fato de que as emissoras que constituem a rede são diretamente ligadas à instituição religiosa. Inclusive, há uma correlação entre o número de referências com a quantidade de informações sobre pautas da igreja.

Ainda ligada a essa questão, nos editoriais, a grande maioria de participações traz padres como articulistas (29), mas quando se compara com o quantitativo de editoriais sobre pautas da igreja (5), observa-se que a minoria das produções dos religiosos tratou de questões internas da instituição. Os assuntos de maior recorrência nos editoriais foram questões ambientais (9) e o período eleitoral (8), além de direitos humanos (4), ameaças aos povos indígenas (3) e críticas ao governo Bolsonaro (3).

Considerando que a RNA foi criada por um padre e estruturada a partir de emissoras de rádios ligadas à Igreja Católica, parece pertinente se referir, ainda que brevemente, sobre a perspectiva de comunicação midiática que a instituição religiosa apresenta na Amazônia através dos meios de comunicação que administram, buscando suas referências e fundamentos.

Faz-se uma observação quanto aos direcionamentos dados pela igreja católica na Amazônia e que podem indicar posicionamentos importantes nos aspectos da comunicação. No ano de 1972, em um encontro de bispos da região amazônica, realizado na cidade de Santarém, mesmo município da sede da RNA, foi elaborado o chamado *Documento de Santarém*, ainda hoje considerado como norteador das práticas eclesiais na região. Sua principal contribuição está na escolha das diretrizes para a Igreja Católica na Amazônia, sintetizada pela máxima "encarnação na realidade e evangelização libertadora", o que significava dizer que a Igreja adotava para si a necessidade de uma prática não descolada das realidades vividas na região, em



"centros urbanos ou rurais, novos núcleos humanos, comunidades indígenas, setores marginalizados, áreas de emergência" (CNBB, 2014, p. 14). "Evangelização sem dicotomias, isto é, abrangendo harmonicamente o homem todo e todos os homens, o indivíduo e a sociedade" (CNBB, 2014, p. 15). Percebe-se, então, uma perspectiva social presente nas discussões que resultaram no documento que, segundo Ribeiro (2012, p. 38) "dá ênfase à dimensão libertadora, levando em conta o compromisso com os pobres e oprimidos", na perspectiva da Teologia da Libertação<sup>8</sup>, o que podem ser pistas para análises sobre a comunicação midiática desenvolvida ou apoiada pela igreja católica, considerando que muitos dos veículos de comunicação tiveram seu início no período do regime militar e da colonização dirigida na Amazônia, quando a igreja católica e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBS) tiveram um papel fundamental na organização social da região (Steinbrenner, 2011).

De qualquer forma, a partir do estudo feito até o momento, com os dados baseados nas análises dos programas selecionados na pesquisa, as observações indicam movimentos no processo midiático desenvolvido pela Rede de Notícias da Amazônia que se diferem dos padrões midiáticos hegemônicos, principalmente, dos modelos gerados a partir do centro-sul do país, com destaque aos espaços dados às vozes das populações da região. Pode-se dizer que no jornal radiofônico da RNA, assim como em todo seu processo de atuação, são encontradas características promissoras referentes às reflexões sobre a necessidade e até possibilidades da descolonização do pensamento comunicacional, em especial, no âmbito da Amazônia. Esta é uma região que historicamente vivencia as ameaças de seus territórios e de suas populações e que na comunicação pode encontrar movimentos de resistência.

### **Considerações finais**

Partindo da ideia de que a Amazônia como um território de disputas, tendo de um lado as populações tradicionais e de outro o grande capital que olha a região com os olhos da exploração neoeextrativa, a comunicação se apresenta como um meio de resistência dos grupos sociais, tendo o rádio como forte aliado. Esse levantamento

---

<sup>8</sup> A Teologia da Libertação é uma abordagem teológica do catolicismo, conhecida a partir da década de 1960, com reflexões voltada à "libertação dos oprimidos" com base nos contextos da América Latina. Um dos principais nomes da Teologia da Libertação é o do teólogo Leonardo Boff, ex-frade franciscano.



---

parece ser um primeiro passo num processo de observação sobre a importância da comunicação na defesa dos territórios amazônicos.

O exercício de análise da experiência da Rede de Notícias da Amazônia apresenta indicadores pertinentes da existência de um movimento de resistência a partir da comunicação midiática na região amazônica, principalmente, quando se observa o número de informações sobre os embates territoriais e os espaços de fala proporcionados a atores que são, reconhecidamente, protagonistas desses embates. São indígenas, organizações que apoiam as causas dos povos originários, lideranças de comunidades tradicionais e ambientalistas, assim como pesquisadores e institutos de pesquisas que têm um forte apelo às questões ambientais, considerando que a grande maioria trata de informações sobre desmatamentos na Amazônia e suas consequências. A RNA é uma rede de emissoras criada com apoio da Igreja - mais especificamente em setores da Igreja Católica forjados pela Teologia da Libertação - mas que faz questão de reafirmar que não é uma rede da Igreja. Algo que ainda merece ser mais problematizado em suas origens e aprofundado na pesquisa.

O que apresentamos nesse artigo constitui uma fase inicial de observação, mas que aponta elementos que nos levam a refletir sobre a perspectiva da descolonização da comunicação em espaços de uma rede de emissoras que produz e divulga notícias da Amazônia produzidas na Amazônia. Com o avanço da pesquisa, pretende-se a formação de um caminho que possa potencializar as reflexões junto a pesquisadores e profissionais da comunicação sobre a importância de experiências emancipatórias nesse campo, ampliando vozes dos “lutadores sociais” em defesa dos territórios, e dando visibilidade a novas gramáticas de lutas sociais, como aponta Svampa (2016), num movimento que se aproxima de um “giro ecoterritorial” no campo da comunicação alternativa e radiofônica na região.

---

## Referências

CASTRO, Edna. Razão decolonial, experiência social e fronteiras epistemológicas. In: CASTRO, Edna (Org.) **Pensamento crítico latino-americano: reflexões sobre políticas e fronteiras**. São Paulo: Annablume, 2019. p.35-62.

CIMI – Conselho Indigenista Missionário. **Relatório Violência contra os povos indígenas no Brasil** (2021). Disponível em: <https://cimi.org.br/wp->





content/uploads/2021/11/relatorio-violencia-povos-indigenas-2020-cimi.pdf. Acesso em: 18 jul. 2022.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Desafio Missionário**: Documentos da Igreja na Amazônia – Coletânea. Brasília: Edições CNBB, 2014.

Gestora da RNA. **Entrevista cedida à Rosa Luciana Pereira Rodrigues**. Santarém, ago. 2023.

IJUIM, J. K. Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas. **Comunicação Midiática**. Bauru, v7, n.2, p.117-137, mai./ago.2012. Disponível em: <http://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/290>.

IMAZON – Instituto do Homem e do Meio Ambiente na Amazônia. **Amazônia perdeu quase 3 mil campos de futebol por dia de floresta em 2022, maior desmatamento em 15 anos**. 2023a. Disponível em <https://imazon.org.br/imprensa/amazonia-perdeu-quase-3-mil-campos-de-futebol-por-dia-de-floresta-em-2022-maior-desmatamento-em-15-anos/>. Acesso em: 12 de ago. 2023.

IMAZON – Instituto do Homem e do Meio Ambiente na Amazônia. **Desmatamento piora desenvolvimento social em municípios da Amazônia**. 2023b. Disponível em <https://imazon.org.br/imprensa/desmatamento-piora-desenvolvimento-social-em-municipios-da-amazonia/>. Acesso em: 12 de ago. 2023.

ISA – Instituto Socioambiental. **Nota Técnica - Desmatamento sem controle na Amazônia Legal**: A estimativa da taxa de desmatamento Prodes em 2021 e o impacto nas áreas protegidas. 2021. Disponível em <https://bit.ly/3uUfITk> . Acesso em: 07 fev. 2022.

MAPBIOMAS. **Relatório Anual de Desmatamento 2022** - São Paulo, Brasil, 2023. Disponível em [https://storage.googleapis.com/alerta-public/dashboard/rad/2022/RAD\\_2022.pdf](https://storage.googleapis.com/alerta-public/dashboard/rad/2022/RAD_2022.pdf) . Acesso em: 12 de ago. 2023.

MAPBIOMAS. **Relatório Anual do Desmatamento no Brasil 2020**. 2021a. Disponível em <https://epoo.epimg.net/descargables/2021/06/10/a44ec08c46cc340b341a0fo32b4feb23.pdf> . Acesso em: 20 fev. 2022.

MAPBIOMAS. **Mapeamento da superfície de mineração industrial e garimpo no Brasil**. 2021b. Coleção 6. Disponível em [https://mapbiomas-br-site.s3.amazonaws.com/Fact\\_Sheet\\_1.pdf](https://mapbiomas-br-site.s3.amazonaws.com/Fact_Sheet_1.pdf) . Acesso em: 02 dez. 2022.

MAPBIOMAS. **Relatório Anual do Desmatamento no Brasil 2021**. 2022. Disponível em [https://s3.amazonaws.com/alerta.mapbiomas.org/rad2021/RAD2021\\_Completo\\_FINAL\\_R ev1.pdf](https://s3.amazonaws.com/alerta.mapbiomas.org/rad2021/RAD2021_Completo_FINAL_R ev1.pdf) . Acesso em: 18 jul.2022.

OLIVEIRA, Ohana Boy. Contribuições para descolonização do pensamento na comunicação. **Cambiassu**, v.16, n.27 – jan/jun. 2021. Disponível em <http://periodicos eletronicos.ufma.br/index.php/cambiassu/article/view/16577> . Acesso em: 16 set. 2022.

PERUZZO, Cícília. Ideias de Paulo Freire aplicadas à comunicação popular e comunitária. **Revista Famecos**, v. 24 n. 1, 2017. Disponível em



<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/24207> .  
Acesso em: 30 jan. 2023.

Notícia online: RAMOS, Lanna P. Ameaça ao território é ameaça à vida: relatório do CNDH pede medidas de proteção aos defensores do Tapajós (PA). **Terra de Direitos**, 21 jun. 2023. Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/noticias/noticias/ameaca-ao-territorio-e-ameaca-a-vida-relatorio-do-cndh-pede-medidas-de-protECAO-aos-defensores-do-tapajospa/23898>. Acesso em: 05 ago. 2023.

RIBEIRO, Ademar S. **A relevância da Dimensão Sociotransformadora na Ação Pastoral da Diocese de Santarém**. Santarém: Editora Tiagão, 2012.

RNA – Rede de Notícias da Amazônia. **Estatuto Social da Rede de Notícias da Amazônia**. Santarém, 2015.

RODRIGUES, Rosa L.; COSTA, Luciana M.; STEINBRENNER, Rosane M. A. Rede de Notícias da Amazônia (RNA): 15 anos de comunicação em rede na Amazônia brasileira. In: **Anais do 7º Encontro Regional Norte de História da Mídia**, 2022. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/186oefWaCjH\\_ppSMYdS1qjbc6qpAaukou/view](https://drive.google.com/file/d/186oefWaCjH_ppSMYdS1qjbc6qpAaukou/view). Acesso em: 01 set. 2023.

RODRIGUES, Rosa L.; STEINBRENNER, Rosane M. A.; COSTA, Luciana M. O caso da RNA: Da comunicação popular e alternativa ao desafio da descolonização da notícia na Amazônia. In: **Anais da Compós 2023**. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/o-caso-da-rna-da-comunicacao-popular-e-alternativa-ao-desafio-da-descolonizacao?lang=pt-br>. Acesso em: 01 set. 2023.

SANTOS, Joelma V. **Manual de Produção da Rede de Notícias da Amazônia**. 1ª ed. Santarém: ICBS, 2020.

SENA, Edilberto. **Entrevista cedida à Rosa Luciana Pereira Rodrigues**. Santarém, out. 2022.

SVAMPA, Maristella. Extrativismo neodesenvolvimentista e movimentos sociais. Um giro ecoterritorial rumo a novas alternativas? In: DILGER, Gerhard; LANG, Mirian; PEREIRA FILHO, Jorge (orgs.). **Descolonizar o Imaginário**: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, Editora Elefante, 2016. p. 140-172. Disponível em: <https://bit.ly/34T6Vqg>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SVAMPA, Maristella. **As fronteiras do neoextrativismo na América Latina**. São Paulo: Ed. Elefante, 2019.

STEINBRENNER, Rosane Maria Albino. **Rádios comunitárias na transamazônica**: desafios da comunicação comunitária em regiões de mídiatização periférica. 2011. 337 f. Tese (Doutorado em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental) - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11121>. Acesso em: 12 mai. 2023.

TERRA DE DIREITOS. **Amazônia**: Territórios de lutas e resistências. 4. ed. Boletim Amazônia, 2022. Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/BOLETIM-AMAZONIA-4-EDICAO-2021-2022.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2023.



---

VILLANUEVA, Erick Torrico. La comunicación en clave latino-americana. **Revista Latinoamericana de Comunicación – Chasqui**, n. 132, ago./nov. 2016. Disponível em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/bitstream/10469/10377/1/REXTN-CH132-02-Torrico.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.

VILLANUEVA, Erick Torrico. Para uma comunicação ex-cêntrica. **Revista Matrizes**, v. 13, n. 3, p. 89-107, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/159957/158525>. Acesso em: 26 jan. 2023.

VILLANUEVA, E. T.; LIMA, V. M. A.; CARRASCO, H. E. H. Comunicação-decolonialidade: insurgências epistêmicas, teóricas e práticas. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 22, n. 42, 2023. DOI: 10.55738/alaic.v22i42.1016. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1016>. Acesso em: 30 ago. 2024.



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.